

Nós No Brasil Temos e Podemos Fornecer Cafés Para Todos os Paladares

De notável relevância o problema da produtividade — Os tipos e a qualidade — A preferência para os despolpados — A campanha do café de qualidade, promovida pelo I.B.C. transforma-se agora em verdadeira ação nacional

De um modo geral, sem discórdâncias básicas, os que militam na economia cafeeira — governos, produtores, exportadores, agrônomos e economistas — consideram três fatores de capital importância para que expulsemos definitivamente a ameaça que paira sempre sobre o Brasil de crises periódicas de café: em primeiro lugar, o aumento da produtividade do cafeeiro, em seguida o cuidado com a preferência dos mercados e, por último, o que devemos e podemos fazer com relação aos tipos e qualidades.

Nós, aqui no Brasil, temos e podemos fornecer café para todos os paladares. Mas, em vez de produzirmos exclusivamente o café que os mercados reclamam, colhemos grandes safras com produto de qualidade reputada inferior. São cheios de impurezas e de paladar desagradável.

No que tange à questão da produtividade, convém acentuar que se trata de problema de notável relevância, principalmente para as chamadas zonas velhas. A média, hoje em dia, para essas zonas, é fraca, estando na ordem de 20 ou 25 arrobas por mil pés. Torna-se, assim, necessário olhar para esses cafeeiros, tratando-os, adubando-os ou substituindo-os para uma total recuperação, passando, então, esse café à produzir uma média de 50,100 ou mais arrobas por mil pés, acarretando de imediato a vantagem de diminuir o custo do produto e, conseqüentemente, concorrendo economicamente, com grande vantagem, sobre os produtos dos demais produtores estrangeiros.

MERCADO, TIPO E QUALIDADE

Em referência à preferência dos mercados, o que é preciso fazer é consolidar e ampliar, cada vez mais, esses mercados de acordo com as preferências. Não podemos impor nosso produto quando ele não atende aos usos, costumes e paladar do consumidor. É este, em última instância, quem decreta a preferência.

No domínio dos tipos é que desde já podemos fazer algo de importante e com real proveito para a economia cafeeira.

Daf o trabalho que vem o Instituto Brasileiro do Café realizando junto aos produtores, a fim de que estes tomem um pouco mais de cuidado quando do benefício do café, tarefa que hoje a lavoura encontra grande facilidade na sua ideal execução, desde que quase todas as máquinas têm separadores de pedras, paus e cascas, fazendo ainda a separação por tamanho de favas. A melhoria quanto a tipos proporcionará de imediato melhores preços pelo café não só ao fazendeiro, mas também ao exportador, além do conceito que adquire um produto isento de impurezas.

A qualidade do produto está na dependência da observância de pontos básicos, que a equipe de técnicos do I.B.C. e dos órgãos estaduais preconizam ao lavrador. Tal obediência às prescrições técnicas permitirá que zonas invariavelmente produtoras de café de bebida Rio as transformem em zonas produtoras de cafés do mais disputado sabor e do mais alto preço.

Temos, no Brasil, a maior lavoura organizada do mundo, que é do café. Somos líder na produção, mas se não cogitarmos, desde já, do seu aperfeiçoamento, enfrentaremos sérios dissabores no futuro.

Merece por isso aplauso o I.B.C., responsável por essa campanha de aperfeiçoamento da nossa cafeicultura. É mister que os lavradores se unam aos esforços do governo para o bom êxito do vital empreendimento.

OS DESPOLPADOS

«Se o Brasil não reformar com a máxima urgência a sua conduta no domínio da cafeicultura, de maneira a passar a produzir, pelo menos, 50% de cafés finos, verá a coluna mestra da sua economia esvaír-se vagarosamente, acrescida do risco permanente das crises cafeeiras periódicas, que produzirão verdadeiros estrangulamentos no sistema vital da nossa economia».

Eis outro ângulo da questão cafeeira, que um veterano técnico adverte como grave para proteção contra sobressaltos que vivem a rondar o produto básico da nação. O sr. Dirceu Braga, que organizou e dirigiu o antigo Serviço Técnico

do Café do Ministério da Agricultura, apresentou argumentos que desafiam os conformados, os otimistas ou os que não querem ver a realidade. Citou, por exemplo, um confronto que dispensa comentários: a produção colombiana de cafés lavados, ou despolpados, gira em torno de 98% e apenas 2% de cafés de terreiro. No Brasil, o problema está inversamente colocado, isto é, produzimos 98% de cafés de terreiro e apenas 2% de cafés despolpados.

Esses cafés, além de dotados de paladar suave, produzem melhor rendimento de xicara por quilo de pó, daí a sua grande procura pelos torradores estrangeiros, que dele tiram larga margem de lucro, embora de custo um pouco mais elevado.

Não há tempo a cogitar de questões técnicas, de debates acadêmicos, de controversias inúteis. O que há a fazer — e, nisso vai bem a preferência dos maiores contingentes de consumidores de café no mundo. O que há de fazer, com urgência, e sem tergiversar, é produzir o café que é mais comprado e que apresenta melhor preço.

Temos possibilidade no Brasil de produzir, em quantidade e em qualidade, com vantagens sobre qualquer de nossos concorrentes centro e sul-americanos, porque podemos produzir, além dos despolpados, os nossos tradicionais e disputados cafés finos de terreiro. Podemos, além de ampliar nossos tradicionais mercados consumidores, conquistar novos centros de consumo. Estamos habilitados e, desde já, ir de encontro às solicitações dos que mais exigem, mas que também são os que melhor pagam.

Só assim evitaremos crises cafeeiras periódicas e poderemos aguardar o futuro sem apreensões. Os lavradores de café estão com essa magna responsabilidade. O governo, através do Instituto Brasileiro do Café e dos órgãos estaduais, a imprensa e todas as correntes que podem influir na produção conclamam os cafeicultores do Brasil para essa tarefa, que é tão inadiável e importante quanto patriótica.

Desenvolve-se no Brasil com apreciável intensidade a campa-